Héctor Abad Faciolince

Oculta

Tradução de Margarida Amado Acosta

QUETZAL série américas | Héctor Abad Faciolince

ANTONIO

QUANDO O TELEFONE TOCOU, era uma hora opaca de inverno em Nova Iorque, muito cedo. A esta hora apenas telefonam os bêbedos que se enganam a marcar o número ou familiares com más notícias. Preferia a primeira opção, mas era Eva, a minha irmã:

– Toño, desculpa dar-te esta notícia por telefone, mas a mãe amanheceu morta em La Oculta. A Pilar disse que ela ontem, depois de comer, não se sentia bem. É claro que, ultimamente, como sabes, ela nunca se sentia bem depois de comer. Tudo lhe caía mal. E então foi deitar-se. Mas esta manhã a Pilar levantou-se muito cedo, para ver como ela estava, e deu com ela morta na cama.

– Vou já para o aeroporto e apanho o primeiro avião que encontrar – disse-lhe.

Senti um desconsolo profundo, como uma nuvem espessa e cinzenta em todo o corpo. Uma dor no peito e na garganta, e a onda de tristeza subia até aos olhos, impossível de conter. Quantos anos teria a minha mãe? Dizia que eram 88, mas subtraía sempre um. Na verdade, tinha 89. Aos 25 anos, quando em casa dela a pressionavam para se casar, subtrair esse ano fazia algum sentido. Depois não, e depois cada vez menos, e aos 89 anos achava graça a continuar a fazê-lo. Senti-me culpado por não lhe

ter telefonado nessa semana. Procurava-a no Skype às quintas-feiras, quase sempre. Era sabido que todas as manhãs de quinta-feira ela ligava o Skype à espera da minha chamada. O Jon saiu da casa de banho e, ao ver a minha cara, perguntou-me o que é que tinha acontecido. Não com palavras, mas com os olhos e as mãos.

– A Anita morreu.

– Se quiseres vou contigo a Medellín – disse. Sentou-se ao meu lado e pôs-me a mão grande, macia, nas costas. Ficámos um bocado assim, juntos, em silêncio. Finalmente, respondi-lhe:

– Não te preocupes, desta vez vou sozinho – tinha um nó na garganta. Engoli em seco. – É melhor concentrares-te na tua exposição. As minhas irmãs percebem se não fores.

Disse isto tudo em inglês porque, com o Jon, falo em inglês. Permanecemos sentados na cama durante algum tempo, em silêncio e de mãos dadas, sabendo que as palavras eram um estorvo. Finalmente, levantei-me e fui ver as últimas mensagens da minha mãe. A última era amorosa e concreta, como sempre: *Cruzamento de contas*, rezava o assunto.

«Meu amor: tentei entrar em contacto contigo, mas a bolinha verde estava apagada. Só queria dizer-te que paguei com um dos teus cheques a tua parte do imposto predial de La Oculta. Também depositei na conta da Pilar os 816 000 pesos que te correspondem a ti para o Próspero e as despesas de manutenção da quinta. Ainda ficam em meu poder três cheques que tu assinaste, guardados no sítio que nós os dois sabemos. Há um saldo a meu favor de 2 413 818 pesos que não tenho pressa de te cobrar até ao vencimento da prestação do meu cartão, em abril. Hoje fui ao doutor Correa, e ele disse que estou muito bem. Por enquanto não tenho o mínimo interesse em morrer, embora às vezes esteja triste e desanimada com a situação da Eva. Na semana passada disse-me que ia deixar o Santiago, o viúvo Caicedo, tu sabes quem

é, já namorava com ele há quase quatro anos. Por um lado, fiquei contente, porque a diferença de idades é excessiva, quase uns vinte anos, e ela não podia contar com ele para lhe fazer companhia na velhice. Mas, por outro lado, tenho pena, porque parecia contente com ele. Tu disseste-me que, quando foram passear para Nova Iorque no ano passado, e apesar da diferença de idades e da cadeira de rodas, a Eva estava feliz. E no Natal estavam contentes, tu viste-os, e é por isso que foi uma surpresa. Quando ela se separa é sempre um salto no vazio, fica deprimida e nunca sabemos para onde é que lhe vai dar. O viúvo Caicedo, apesar de ser velho, era querido, mesmo que as pessoas às vezes dissessem que parecia mais meu marido que amigo da Eva. Ai. Foi isso que a Pilar disse na noite de Fim de Ano, e a Eva ouviu-a. Ficou muito magoada. Digamos que a Pilar não é a prudência em pessoa. Bem, o que mais preocupa é que, às vezes, acho que ninguém é suficiente para a Eva, mas ao mesmo tempo não gosta de estar sozinha. Deixemos este assunto, põe-me muito triste. O que mais me anima é saber que vou ver-te na Páscoa. Acho que a tua vinda me vai curar de todos os males. Dá cumprimentos ao Jon. Recebe um beijo meu e o amor de sempre, Ana.»

Todas as cartas da minha mãe eram assim, práticas e carinhosas ao mesmo tempo: as contas claras e histórias sobre a vida dela, das filhas ou dos netos. Ela controlava as minhas contas colombianas, quase todas relacionadas com a quinta. Tinha quase noventa anos, mas estava mais lúcida que eu e as minhas irmãs. O facto de controlar as minhas contas na Colômbia ainda a mantinha mais em forma. Noutras mensagens falava-me da possível venda de uma parte de La Oculta para pagar os estragos provocados por um vendaval, pela queda de uma árvore em cima dos reservatórios de água potável. Ela não queria que se vendesse mais terra porque, pelo andar da carruagem, íamos acabar por ficar só com a casa e rodeados de estranhos, mas ao mesmo tempo

não estava disposta a arcar com as despesas, pois não podia perder as poupanças que amealhara para os últimos anos da sua vida. O problema era que a Eva, como já só ia à quinta no Natal porque continuava traumatizada com o que lhe tinha acontecido lá há imenso tempo, não queria contribuir com um só centavo para a sua manutenção, e embora continuasse a pagar o que lhe competia para pagarmos os impostos, os serviços e os ordenados, fazia-o muito contrariada. Preferia vendê-la. Mas vendê-la, para a Pilar, seria igual à morte.

Eu também não queria vender a quinta, mesmo que vivesse nos Estados Unidos durante a maior parte do ano. A Colômbia, para mim, era a minha mãe, as minhas irmãs e La Oculta. Agora a Anita morreu, e com ela morreu também um pedaço enorme da minha vida. O mais estranho foi ter morrido na quinta e não em Medellín, onde vivia. Embora, pensando melhor, fazia muito sentido que tivesse morrido em La Oculta num amanhecer de domingo. Ao pensar na minha mãe, na sua morte, apercebi-me de que nunca teríamos conseguido conservar a quinta – que chegou à nossa família por via de uma herança do lado do meu pai – se não fosse ela. Apesar de a minha mãe não ter nenhum apego familiar àquela terra, foi ela que vendeu o seu próprio apartamento para poder conservá-la quando nos preparávamos para vendê-la pouco depois da morte do meu pai, o Cobo; foi ela que gastou parte dos lucros da padaria para fazer melhorias e reparações na casa; era ela que nos reunia a todos em La Oculta, em dezembro, com aquela maneira ao mesmo tempo doce e firme que ela tinha de fazer as coisas. Convidava-nos a todos, ia às compras para todos, cozinhava para todos, e nessas semanas juntos os filhos e os netos gravitavam em seu redor como planetas de um sol tépido e benigno, irresistível. Mesmo não sendo dona de La Oculta, porque o Cobo deixara-lha em herança aos filhos e não a ela, a quinta era-lhe, e agora quase impensável sem a sua presença. Sem a minha

mãe viva, sem a sua alegria, as suas receitas, as suas compras, ir à quinta nunca mais voltaria a ser a mesma coisa. Alguém teria de assumir o seu papel, a Eva ou a Pilar, mas eu não tinha a certeza de que elas o quisessem fazer. Eu nunca teria tanta alegria, tanta energia nem tanto amor para assumir a função de unir e reunir toda a família.

O Jon acompanhou-me até ao aeroporto e ajudou-me a procurar a melhor ligação. O voo direto para Medellín já tinha saído, e por isso tive de fazer escala no Panamá. Como as mãos me tremiam e mal conseguia falar inglês, ele fez tudo por mim, amorosamente. Também pagou tudo com o cartão dele e acompanhou-me até ao controlo de raios X. Abraçámo-nos durante muito tempo, com uma ternura que me fazia falta, e eu humedeci-lhe o tecido da camisa. Na sala de espera pus-me à procura nos ficheiros do portátil de velhas fotografias da minha mãe. As fotografias da sua juventude, nas quais surgia bonita e sorridente, cheia de vida, com o futuro inteiro pela frente. Encontrei uma comigo ao colo, com um ano, na qual sorríamos ambos e olhávamos um para o outro com ar apaixonado e feliz. Publiquei-as no Facebook, que é onde, agora, se anunciam as coisas e os funerais, e se recebem os pêsames, e enquanto escrevia algumas frases sobre ela com dedos trémulos, as gotas que me rolavam pela face iam caindo no teclado. Não sei se alguém me observava na sala de espera, porque não me importava. Pouco tempo depois, os meus amigos começaram a enviar-me mensagens de condolências, algumas muito bonitas, e a recordar velhas histórias da Anita, como todos nós chamávamos à minha mãe, a começar por mim: Ana, Anita.

Consegui chegar nessa mesma noite a Medellín. Enquanto esperava pela bagagem, percebi que os meus sapatos não condiziam com as calças, e quando a mala chegou troquei-os por outros na casa de banho. A minha mãe morta e eu preocupado com este tipo de parvoíces, disse-me a consciência, mas era mais forte

que eu, não conseguia evitar, sou assim. Benjamín, o filho da Eva, estava à minha espera à saída do aeroporto. Estava belo e triste, o meu sobrinho mais novo, e abraçámo-nos. Ainda nos esperavam quase quatro horas de caminho até La Oculta. A Pilar tinha tratado de tudo e haveria uma missa na aldeia, em Jericó, no dia seguinte. O velório da Anita era na quinta. O Benjamín contou-me que a mãe dele tinha ido para lá de manhã, depois de me telefonar. Que a tia Pilar tinha arranjado a avó, que um médico tinha assinado a certidão de óbito e que o padre de Palermo tinha lá ido benzê-la.

Era a Pilar que tratava dos mortos da família. Há dois ou três anos, a tia Ester, irmã do meu pai, também morreu em La Oculta, e era como se a quinta se estivesse a converter num lugar onde morrer. A tia Ester tinha uma insuficiência renal grave, mas estava muito velha e nessas idades já não se fazem transplantes, e por isso fez hemodiálise durante quatro anos. Só que a saúde foi-se deteriorando cada vez mais e ela acabou por dizer que estava farta da hemodiálise e dos tratamentos, e que queria morrer em La Oculta. A Pilar recebeu-a na quinta, e feliz, porque era a sua tia preferida e agradava-lhe a ideia de tratar dela. Instalaram uma cama de doente no seu velho quarto de solteira e contrataram uma enfermeira para passar as noites com ela. Os filhos da tia Ester vinham de Medellín para visitá-la de vez em quando e para agradecer à Pilar por tomar conta dela. A tia Ester foi-se apagando pouco a pouco – cada vez mais fraca, mais pálida e mais magra, frágil como um passarinho – e no fim tiveram de dar-lhe morfina. Quando perdeu a consciência e era evidente que sofria muito, porque se queixava muito, a Pilar mandou a enfermeira sair do quarto, pediu-lhe que fosse aquecer uma sopa na cozinha, pegou numa seringa e deu à tia uma dose muito grande de morfina, umas cinco ampolas seguidas, disse-me em segredo, e a tia Ester apagou-se serenamente, tão serena que até o corpo se esqueceu

de respirar. Depois, a Pilar telefonou aos filhos da tia Ester, disse-lhes que a mãe tinha morrido tranquilamente e começou a arranjá-la para que estivesse apresentável quando a fossem buscar.

A Pilar trata dos mortos desde os 21 anos. O meu pai, que era médico, ensinou-a a arranjar quem morria, para evitar surpresas desagradáveis antes dos enterros. No meio da dor, e sobrepondo-se a ela, há que superar o desconforto e a impressão para que a vida, ou melhor dizendo, a morte seja um pouco menos insuportável ou um pouco mais tolerável. A Pilar é a mais velha, e ser a filha mais velha tem vantagens e desvantagens. Há responsabilidades com as quais mais ninguém é capaz de arcar, porque os outros irmãos são muito novos. A Pilar não recua perante nenhuma dificuldade; enfrenta seja o que for sem nunca se render. Não tem nojo de nada, não tem vergonha de nada, não tem medo de nada. Quando deparamos com alguma coisa quase impossível de resolver, lá em casa pensamos: se a Pilar não resolver isto, mais ninguém resolverá.

Os mortos não falam, os mortos não sentem, os mortos não se importam de serem vistos nus, pálidos, descarnados, no pior momento das suas vidas, por assim dizer. Ou talvez haja um momento ainda pior, debaixo da terra, ou no forno crematório, só que a esse, felizmente, quase nunca o temos de ver. A Pilar tem um trato íntimo e carinhoso com os mortos, fá-lo como se eles, na verdade, se importassem, como se os afligisse que os vissem assim tão feios. Ela não arranja ninguém que não seja da família ou, pelo menos, muito chegado. Arranja tão bem os mortos (deixa-os tão apresentáveis, quase como se estivessem vivos) que um dos filhos da tia Ester, o Arturo, um empresário de sucesso, ao ver a mãe morta e tão compostinha, quase agradável de se ver pela última vez, propôs à minha irmã sociedade num negócio (ofereceu-se para entrar com o capital e que a minha irmã contribuísse apenas com a mão de obra) de embelezamento de mortos. A minha irmã

não quis. Disse-lhe que, para ela, era quase como arranjar um bebé quando nasce, porque os bebés também nascem horríveis, e embora eles também não sejam conscientes disso, há que limpá-los, alindá-los, penteá-los e vesti-los para que, quando o pai e a mãe e os avós os virem, se encham de ternura. O primeiro e o último olhar são muito importantes, diz a Pilar, e tal como a mãe quer ver o filho bem da primeira vez, também o filho quer ver a mãe bem pela última vez, e é por isso que ela faz o que faz.

Em todas as famílias, mais cedo ou mais tarde alguém é derrotado definitivamente. Quando isso acontece na minha, a Pilar está sempre lá e sabe o que deve fazer, mas não por dinheiro. Arranjou os avós, alguns tios, a sogra, o meu pai quando lhe rebentou o coração de tanto sofrer por causa do Lucas, o neto mais velho, os filhos de amigas íntimas. Agora estava a fazê-lo outra vez ou já o teria feito com a Anita. Não sabemos bem o que faz. Sei que usa algodões, velas e gazes para tapar alguns orifícios. Segundo ela, a morte é compassiva com a cara porque as pessoas incham um pouco quando morrem, e isso esbate muitas rugas, o que é muito bom, e a única coisa que faz impressão é a lividez, e é por isso que a primeira coisa a fazer é devolver-lhes a cor. Há que usar bases a condizer com o tom da pele, *blush*, batom, pós, rímel, injeções, para devolver à pele uma certa vitalidade. É uma exímia maquilhadora e desde muito nova era ela que penteava a minha mãe antes de ir às festas, daí ter experiência como cabeleireira e esteticista facial. Sempre que arranja alguém olha primeiro para as fotografias do defunto e tenta restituir-lhe as feições do rosto, de preferência rejuvenescendo-o um pouco. Quando vou a Medellín, levo-lhe sempre produtos de cosmética, tesourinhas e pinças que vou escolhendo para ela, pois é o que mais me pede, embora desta vez não tivesse tido tempo de comprar-lhe nada, apenas dois batons que encontrei a bom preço na semana anterior, um vermelho rutilante e outro fúchsia tirânico, como dizia na embalagem.

E também lhe trazia a notícia de que agora, uma vez morta a nossa mãe, tinha chegado a nossa vez de morrermos. Uma notícia que não era novidade para a Pilar porque, quando lá chegámos, disse-nos que, ao amanhecer, tinha sentido a velhice a abater-se sobre ela de repente quando viu que a nossa mãe já não respirava.

Quando chegámos a La Oculta, a primeira coisa que fiz foi ir ao quarto da Anita. Tinha a cara doce e firme de sempre, essa rara combinação de beleza e carácter. A beleza estava nos traços da cara, na forma dos ossos ou do nariz – porque distinguimos ecos da beleza mesmo na velhice –, e o carácter via-se nalgumas rugas, que são como a memória dos gestos de uma vida inteira. A Pilar tinha-lhe posto um vestido vermelho bordado muito bonito que eu lhe trouxe uma vez do México e que lhe proporcionava alegria, apesar de tudo. O vermelho era a cor que melhor lhe assentava. A Pilar contou que um aguaceiro a acordou de madrugada e que ela aproveitou para dar uma espreitadela ao quarto da Anita. A quietude e o silêncio fizeram-na ter um mau pressentimento, até que acendeu a luz e se apercebeu de que estava morta. A minha onda de tristeza cresceu ao imaginar esse instante, mas ao abraçar as minhas irmãs senti-me melhor. Passámos a noite a conversar ao lado do corpo dela, bebendo vinho tinto e rezando ave-marias e pais-nossos que, quando se repetem muito e ao mesmo ritmo, conferem uma espécie de calma. Os meus sobrinhos em peso, os netos da minha mãe, começaram a chegar, com os seus filhos e as suas mulheres e os seus maridos, e La Oculta foi-se enchendo como se estivéssemos em dezembro, embora um dezembro triste, em março. Quando eu morrer e Jon se aproximar da tampa do caixão e olhar para mim e me falar através do vidro, gostava que ele não sentisse nojo nem medo. Nos Estados Unidos é o que fazem as empresas nas cerimónias fúnebres. Se morresse em La Oculta, que é o que todos na família queremos, gostava de ser arranjado pela Pilar.

A minha mãe estava deitada na sua cama de sempre, a que partilhou com o meu pai e que dantes foi do avô Josué e da avó Miriam. O quarto estava como a minha mãe gostava. Desde que o Cobo morreu, a Anita nunca mais consentiu que tocassem nele. A roupa dele continuava no roupeiro, do lado esquerdo, e a dela no direito: as camisas brancas, o chapéu de palha *aguadeño*[1], as botas de montar a cavalo, os sapatos de ir passear para a ribeira, as bermudas, os pijamas, as meias. Roupa velha, a que se usa no campo e está tão coçada que nem sequer serve para deixar de herança aos camponeses. Um velho quadro dos avós paternos, quarentões. Fotografias de família: a primeira comunhão dos filhos, a fotografia do casamento, velhas instantâneas de quando viviam em Bogotá e, emoldurado em cima da cama, o soneto imperfeito que o meu pai dedicou a La Oculta e a que deu o nome da própria quinta:

As camas duras, os colchões maus,
Mas ao amparo da noite escura,
Dormem as gentes enquanto dura,
Em leitos duros como paus.
Ao acordar reclama o ventre,
E surgem os ovos, tão belos,
Da Dona Berta e seus desvelos,
E não há quem se desconcentre.
E depois vão ler, na rede deitados,
esperando a sorte, mui regalados,
de comer mandiocas e galinha.
Um banhinho às três na cachoeira,
à noite uma feijoada inteira,
e toca a ouvir o roncar da vizinha.

[1] Chapéu tradicional da região andina da Colômbia. *(N. da T.)*